

# Cenário para o novo Presidente

*\*Noenio Spinola \**

**C**onsidere este cenário do fim da semana passada: inflação projetada pela BTN para janeiro, 52% ao mês. Diferença (ágio) entre o dólar oficial e o paralelo, 145%. Taxas de juros administradas pelo governo em dezembro, 61,4%. Prioridade de investimentos no mundo exterior, Europa Oriental — onde caem governos comunistas e sobem os acordos com o Fundo Monetário. Lula ou Collor?

Brasileiros e brasileiras acordarão hoje aliviados porque fizeram sua opção nas urnas. Se pensarem duas vezes verão que não há um bom motivo para alívio: quem quer que chegue “lá” terá de começar a fazer o jogo da verdade a partir de hoje, e será um jogo pesado, sem mapas testados ou velhos caminhos conhecidos apontando para os anos 90.

Na verdade a década que está passando deixa nos corações e mentes não só um generalizado sentimento de colapso, de fim da História registrado no mundo exterior, mas ainda de colapso da nossa própria História doméstica. O Brasil que se despede dos anos 80 entra na década de 90 com um alto espírito competitivo, expresso pela apertada disputa entre os candidatos do PT e do PRN na reta final das eleições. Falta apenas dissecar com cuidado o que significa a consciência da importância dessa competitividade, pois os brasileiros e brasileiras talvez tenham se esquecido que, muito além de duas pessoas, dois candidatos, existiam e existem duas metades do nosso próprio povo obrigadas a pensar, a escolher e competir.

Competiu-se por uma visão do mundo e por algumas propostas, as quais, ainda quando inconsistentes e com contornos pobres, tinham seu fundo e seu caráter bem definidos: empresário Collor contra operário Lula;

calote na dívida externa contra renegociação descentralizada; reforma agrária até em terras produtivas, versus vigorosa condenação do coletivismo rural; crescimento descentralizado contra centralização dos investimentos, e assim por diante. Só não viu, mesmo, quem não queria ver, ou desconfia mais do que é normal desconfiar do caráter dos candidatos.

---

*“Quem quer que suba  
a rampa do Planalto  
não irá conter  
a inflação  
de 50% no grito,  
parta ele das portas  
das fábricas  
ou das Alagoas”*

Como irão conviver as duas metades do povo brasileiro a partir de hoje? A história acabou no mundo lá fora porque os países industrializados alcançaram alguns degraus e limites que representam marcos na história da humanidade ancorados nos anos 80. Biologia, economia e ciência política passaram a interagir entre os cientistas com um sentido universitário de trabalho que os brasileiros mal imaginam. Precariedade das nossas universidades e mimetismo tecnológico explicam o nosso atraso.

Os biólogos são melhores estrategistas do que os economistas e os políticos porque as experiências da vida ensinam mais e melhor sobre a competitividade que os mercados ou

os parlamentos. Os soviéticos, por exemplo, estão descobrindo que seu sistema econômico entrou em colapso não por falta de estratégia, mas por falta de competitividade. Em Harvard, escrevem-se ensaios sobre o comportamento de protozoários para inspirar administradores de empresas. Sem ironia.

Os japoneses passaram a desconfiar do LPD, o partido dominante, porque este chegou ao seu apogeu, envelheceu e uma parte de sua liderança corrompeu-se. Quando se acirrou a competitividade e a liderança do LPD foi renovada no grito, o Japão rapidamente recuperou a compostura política e o iene voltou a dominar os mercados monetários mundiais.

A biologia ensina que a competitividade surgiu na natureza muito antes de a espécie humana pensar de forma estratégica. Culturas fechadas criaram estratégias erradas por falta de competitividade e fracassaram. O Brasil dos anos 90 e do PT volta a valorizar a estratégia, quando podíamos começar a valorizar a competitividade. Entraríamos nesse desvio com o PT no parlamento ou com o PT no governo, pois se trata da mais importante “máquina” política nascente no ocaso dos anos 90. É com esse desvio histórico que a outra metade do povo brasileiro terá de competir, e a arena dessa competição deve ser o Congresso. Para iluminar os nossos congressistas, chamam os biólogos, correndo. Quem quer se sinta autorizado hoje a subir a rampa do Planalto não irá conter uma inflação de 50% no grito, parta ele das portas das fábricas ou das Alagoas. Uma enorme dose de engenharia econômica, política e social será necessária para desmontar as causas “reais” da inflação. O exemplo da Argentina, que atacou a crise pela metade, está bem aí do lado para todos nós. O Brasil não merece o efeito Orloff até nos erros.